



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

PAULO GRACINO DA SILVA

**NA HISTÓRIA, NA DOCÊNCIA, NA ESCOLA, BUSCAR OS
CAMINHOS POSSÍVEIS.
RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

GUARABIRA - PARAÍBA

2014

PAULO GRACINO DA SILVA

**NA HISTÓRIA, NA DOCÊNCIA, NA ESCOLA, BUSCAR OS
CAMINHOS POSSÍVEIS.
RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Relatório de Estágio apresentado como exigência parcial para obtenção do título de graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Orientadora: Dra. Marisa Tayra Teruya

**GUARABIRA / PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586h Silva, Paulo Gracino da

Na história, na docência, na escola, buscar os caminhos possíveis
[manuscrito] : relatório de estágio supervisionado / Paulo Gracino da
Silva. - 2014.
60 p.

Digitado.

Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Marisa Tayra Teruya, Departamento de História".

1. Relatório de estágio. 2. Prática docente. 3. Práticas de
ensino I. Título.

21. ed. CDD 371.12

**NA HISTÓRIA, NA DOCÊNCIA, NA ESCOLA, BUSCAR OS
CAMINHOS POSSÍVEIS.**

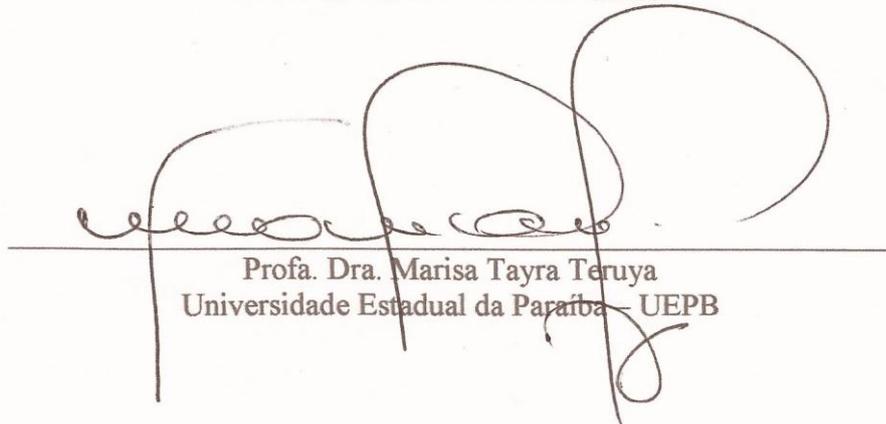
RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.

Por:

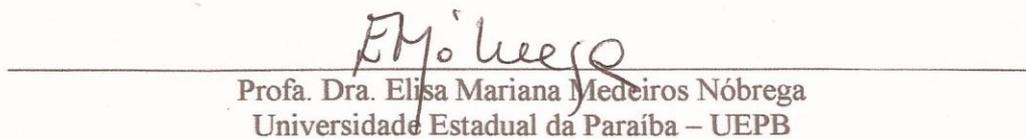
PAULO GRACINO DA SILVA

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2014

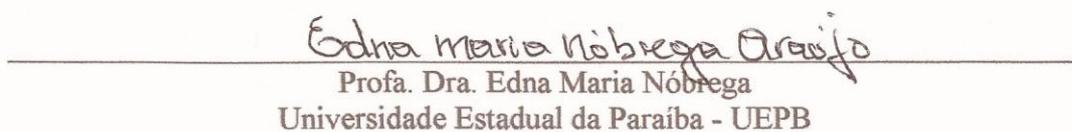
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Marisa Tayra Teruya
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Dra. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Dedico este trabalho à minha esposa
Rosângela Araújo Gracino
por ter me acompanhado nesta jornada com paciência e colaboração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ser a base das minhas conquistas;

À minha família e aos meus amigos, por acreditar e compartilharem das minhas escolhas, apoiando-me e se esforçando junto a mim, para que eu suprisse todas elas;

À Professora Doutora Marisa Tayra Teruya pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, me incentivando e colaborando no desenvolvimento das minhas ideias;

E às professoras Doutoras Elisa Mariana e Edna Nóbrega por me apoiarem sempre que precisei para poder chegar até aqui.

RESUMO

Este relatório tem como objetivo principal relatar as atividades realizadas no ano letivo de 2013 na disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório II (ESO II), buscando descrever objetiva e subjetivamente os encontros realizados na sala de aula, o processo de planejamento da oficina e das regências, bem como fazer uma análise crítica das experiências vivenciadas. A fundamentação teórica tem por base as obras de Bittencourt (2004), de Fernandes (2008), de Vasconcellos (2005), de Menezes e Almeida (2008), e outros, que nortearam nossos questionamentos ao longo do processo. Planejando, observando e executando a experiência do estágio construímos a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta produção, que também representa o Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de graduação em História pela UEPB campus III – Guarabira – Paraíba.

Palavras-chave: Relatório; Estágio; Docência; UEPB.

ABSTRACT

This report aims to report the activities carried out in the academic year 2013 in the discipline Mandatory Supervised Internship II (ESO II), aiming to describe objectively and subjectively the meetings held in the classroom, the process of planning and conducting the workshop, as well as make a positive and or negative in line with our objective critical analysis of experiences. The theoretical framework is based on the works of Bittencourt (2004), Fernandes (2008), de Vasconcellos (2005), Almeida and de Menezes (2008), and others who provided useful information for our purposes. Planning, observing and performing the placement experience build the methodology used for the development of this production, which also represents the Work Completion of course for obtaining title Degree in History from the campus UEPB III - Guarabira - Paraíba.

Keywords: Report; Stage; Teaching; UEPB.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
PARTE UM. EM BUSCA DE CONHECIMENTO ENCONTREI A POESIA.....	13
PARTE DOIS. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO	20
Uma oficina com música e vaquejada.....	20
Uma regência a partir do obstáculo na sala de aula	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	37

“Para o homem consciente só havia um dever: procurar-se a si mesmo, afirmar-se em si mesmo e seguir sempre adiante o seu próprio caminho, sem se preocupar com o fim a que possa conduzi-lo.”

Hermann Hesse

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito exigido parcialmente para a obtenção do título de graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba –UEPB, constituído pelo relatório da disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório II (ESO II). O Estágio Supervisionado, por sua vez, atende ao que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sendo de caráter obrigatório, de acordo com a Lei 9394/96- Art. 43, inciso II, devendo estar em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais.

O estágio teve a supervisão e orientação da professora Dra. Marisa Tayra Teruya, que também foi a responsável pela orientação direta da execução deste trabalho.

Norteados por documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996) e os Referenciais Curriculares de Ensino Fundamental (Paraíba), desenvolvemos a nossa experiência e o relatório de estágio, fundamentados em teóricos que fortalecem o nosso relato. Desta forma, Bittencourt (2004) forneceu suportes na reflexão acerca das discussões sobre métodos tradicionais e inovadores na sala de aula; Fernandes (2008) colaborou teoricamente sobre aula oficina; Vasconcellos (2005) foi indispensável para o planejamento; enquanto que as autoras Menezes e Almeida (2008), com as suas pesquisas sobre as vaquejadas, nos ajudaram a compreender o universo das tradições nordestinas. Ou seja, estes e outros teóricos abordados em nosso relato foram importantes tanto para a nossa experiência prática, quanto para a construção deste relatório final do ESO II, que se apresenta como TCC.

A observação consistente das atividades foi fundamental para a nossa metodologia, pois a partir destas observações, planejamentos e execuções é que foi possível expor os resultados atingidos. A vivência foi o nosso principal objeto de análise, através do cotidiano que envolveu os nossos encontros e as nossas experiências como alunos/professores estagiários. Ou seja, utilizamos como metodologia para construir o relatório, a observação e as anotações durante as atividades realizadas ao longo do ano letivo (com exceção do memorial que nos aprofundamos no passado mais distante), como também a nossa subjetividade diante das situações reais e das referidas anotações.

A metodologia utilizada para a produção deste documento foi norteados pelos ensinamentos de Bittencourt (2004), sobretudo no que diz respeito às discussões acerca das

“reflexões sobre o método dialético em situação pedagógica” (p. 210). Isto se justifica pelo fato de que esta construção se origina a partir do diálogo estabelecido entre os nossos conhecimentos teóricos e os nossos conhecimentos práticos, envolvendo também os conhecimentos prévios dos alunos e da comunidade escolar na qual nos submergimos durante a experiência. Desta forma, este trabalho trata-se de um simples relato de experiência.

Inicialmente apresentaremos o memorial da vida estudantil do autor deste relatório, dialogando com as lembranças e memórias, com o passado e o presente e descrevendo a trajetória percorrida até este momento ímpar na vida do mesmo.

Descreveremos o processo percorrido para o planejamento das atividades de estágio, analisando as discussões e os obstáculos transpostos; bem como apresentaremos as características das escolas que nos ofereceram campo de estágio, relatando os seus respectivos históricos, discorrendo sobre as estruturas humanas, físicas e pedagógicas.

Justificaremos teoricamente cada conteúdo utilizado em nossa experiência, desde a discussão sobre *as tradições nordestinas*, em especial *as vaquejadas*, utilizada como tema central da aula oficina na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olívio Maroja na cidade de Araçagi - PB, até o último conteúdo - *A crise do café e o movimento de 1930* – ministrado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas, na cidade de Cuitegi, também na Paraíba.

Durante algumas informações acerca dos conteúdos, da metodologia, das ações e das atividades, enfim, em meio ao nosso discurso narrativo estaremos nos utilizando de documentos que norteiam as práticas de ensino-aprendizagem, como por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (LDBEN) e os Referenciais Curriculares de Ensino Fundamental (Paraíba).

Este documento se encontra estruturado em duas partes principais: o Memorial, que traz a história da vida do autor, mostrando a sua trajetória estudantil desde os primeiros passos na sala de aula até o momento atual. É neste tópico que percebemos as características do aluno/professor estagiário, bem como as dificuldades e facilidades encontradas para que hoje se encontre nesta posição.

Na segunda parte é apresentada a identificação do estágio. Encontram-se as explicações dos planejamentos, a execução e o desenvolvimento das atividades. Temos uma explanação acerca dos encontros na UEPB, além de justificativas para cada ação desenvolvida na prática, indo desde a discussão sobre *as tradições nordestinas*, em especial *as vaquejadas*, utilizada como tema central da aula oficina na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olívio Maroja na cidade de Araçagi - PB, até o último conteúdo - *A crise do café e o*

movimento de 1930 – ministrado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas, na cidade de Cuitegi, também na Paraíba.

Por fim, nas considerações finais sobre a experiência e a escrita do relatório é feita uma análise geral sobre os objetivos e os resultados obtidos.

PARTE UM. EM BUSCA DE CONHECIMENTO ENCONTREI A POESIA

Descrever a minha experiência estudantil não é tarefa fácil e nem também é das mais simples que existe, uma vez que, para chegar ao término desta graduação tive que percorrer quase meio século de vida, sendo, portanto, bem diferente da trajetória de tantos outros colegas acadêmicos.

Não farei aqui uma narrativa cronológica da minha vida, e sim um esboço sobre o caminho percorrido pelas salas de aulas e pela vida, dando ênfase ao meu mundo universitário que ocorreu tardiamente, mas no momento oportuno, me considerando mais consciente dos meus objetivos. Afinal, “a aprendizagem, como processo complexo e interativo, se constitui na relação do sujeito com situações concretas nas quais está inserido” (NUNES e SILVEIRA, 2009, p. 18).

Filho de pai e mãe analfabetos – Manoel Gracino da Silva (in memória) e Antônia de Oliveira -, residentes e trabalhadores rurais, tive o meu primeiro contato com uma escola no ano de 1975, matriculado na Escola Isolada Dr. Pedro Bandeira¹, na cidade de Guarabira, onde nasci e resido ininterruptamente até os dias atuais. Passaram, portanto, trinta e oito anos para concluir esta licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III – Guarabira.

Isto não significa dizer que eu tenha sido um daqueles alunos que desprezam a educação, ou um daqueles que repetia o ano letivo por falta de aprovação. Ao contrário, sempre fui o aluno dedicado e bem sucedido na trajetória estudantil até o final do antigo segundo grau² concluído com méritos no ano de 1986, no Colégio Estadual de Guarabira³.

Posso assegurar que todo o ensino básico transcorreu dentro das perspectivas objetivadas pelo sistema educacional brasileiro. Ou seja, cronologicamente atingi todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem de acordo com a minha faixa etária.

¹ A Escola Isolada Dr. Pedro Bandeira esteve localizada à Rua Desembargador Pedro Bandeira, nº 544, no Bairro Rosário, até o ano de 1985, se transferindo para a Rua Coronel José Maurício da Costa, no Bairro São José, S/N, Guarabira – Paraíba, com a denominação atual de E. E. E. F. Dr. Pedro Bandeira.

² Neste período o ensino era dividido em Primeiro e Segundo Graus, correspondendo atualmente ao ensino Fundamental e Médio.

³ O Colégio Estadual de Guarabira, atualmente é denominado de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho e está localizado na Rua Henrique Pacífico, nº 45, no Bairro Primavera.

Nasci no ano de 1969 e fui matriculado, em 1975, aos seis anos de idade, na antiga alfabetização, série que não consta sequer nos documentos oficiais, pois só a partir da primeira série do extinto ensino primário é que era validado em histórico escolar. No ano de 1979 conclui a primeira fase do 1º grau e adentrei na segunda fase em 1980, no Colégio Estadual de Guarabira, concluindo-o no ano de 1983. Em 1984 iniciei a primeira das três séries exigidas para a obtenção do diploma do Segundo Grau, que conclui no ano de 1986, no referido colégio.

Neste aspecto, percebe-se que toda a minha trajetória antes da academia transcorreu em meio às expectativas do processo educativo, no sentido série/idade do aluno.

Estudei apenas nestas duas escolas, as quais já foram citadas, concluindo o ensino básico com dezessete anos idade, tida como idade “comum” entre os estudantes da época.

Relembrar as experiências deste período não seria tão relevante se não levássemos em consideração o contexto histórico. Era criança quando iniciei e fui educado até a adolescência sob os moldes do Regime Militar, apesar de que,

A partir de 1974, época em que tem início a abertura gradual do regime político autoritário instalado em 1964, surgiram estudos empenhados em fazer a crítica da educação dominante, evidenciando as funções reais da política educacional, acobertada pelo discurso político-pedagógico oficial. (VEIGA, 2004, p. 42).

Neste sentido, Saviani (1983) agrupa e denomina o ensino como sendo “teorias crítico-reprodutivistas”, pois apesar de considerar a educação a partir das aparências sociais, os seus estudos “concluem que sua função primordial é a de reproduzir as condições sociais vigentes” (SAVIANI, 2005, p. 42). Entendo que, tornar-me um professor de História, hoje, significa desconstruir toda a minha formação tradicional⁴ a que fui acometido no ensino básico. E mais, estive afastado das salas de aula desde 1986 para só retornar em 2010, quando fui selecionado através do vestibular da UEPB⁵.

Tive, portanto, uma formação totalmente tradicional e positivista⁶, com uma educação baseada na formação da Educação Moral e Cívica e Estudos Sociais, por exemplo. O ensino

⁴ Bittencourt (2004) traz esta discussão em sua obra “Ensino de História: Fundamentos e Métodos”, que mais adiante explicitaremos.

⁵No ano de 1984 fui aprovado no Curso Técnico em Agropecuária da UFPB – Campus IV – Bananeiras - estudando por uma semana no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros.

⁶ “O século XIX viu a profissionalização da História como ciência e a criação de métodos científicos para estudá-la. (...) na Alemanha, vimos o nascimento do chamado positivismo; na França, o da escola metódica” (CARVALHO, 2010, p, 15), tendo como marca do positivismo a necessidade de encontrar a verdade histórica como ela realmente aconteceu.

estava mais direcionado à educação controladora dos bons costumes e da moral, formando profissionais para o mercado de trabalho, justificando assim, o medo que me acompanhara durante o início do curso de História, que adiante irei melhor explicar.

Como um garoto nascido e criado na zona rural, o trabalho foi sempre uma constante em minha vida e ao concluir o tão sonhado Segundo Grau, direcionei-me totalmente ao mercado de trabalho, só retornando após perceber que a educação ainda é a maior riqueza neste universo capitalista.

Neste intervalo de tempo, concorri a nove vestibulares, sendo aprovado no primeiro (1987)⁷ e no nono (2010). Um ano após a entrada no curso de História, ainda concorri a mais um vestibular sem sucesso, sem esquecer que neste ano (2011) consegui uma Bolsa Prouni através do ENEM para cursar Serviço Social na Universidade Paulista Interativa, onde estou no último período letivo.

Mas como destaquei no princípio, darei ênfase ao mundo acadêmico que vivenciei/vivencio, indo, portanto, explicando o porquê de cursar História, as dificuldades e facilidades, os pontos positivos e negativos e, enfim, farei uma revisão da minha formação acadêmica, relacionando-a com as experiências anteriores.

Em 2009, me candidatei em dois vestibulares, sendo em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba e em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Decepcionei-me ao ser eliminado em Artes Visuais, pois era o preferido, mas consegui a aprovação em História, me utilizando das cotas reservadas aos alunos oriundos do ensino público.

Vi nesta aprovação a chance de me encontrar com a História da Arte, pois a minha vida profissional sempre esteve ligada às pinturas artística e publicitária, antes de me tornar funcionário público em 2007⁸.

O meu grande medo era enfrentar um grupo de adolescentes, tendo em vista que eu já ultrapassara os quarenta anos de idade, como também, estive longe dos livros por muito tempo e temia não me familiarizar com os conteúdos históricos que passaram por tantas transformações desde a década de 1980.

O meu grande problema era, sem dúvida, a falta de leitura que eu abandonara lá naquela época do ensino básico. Ou melhor, naquela época eu já nem possuía o hábito da

⁷ No ano de 1987, consegui aprovação no curso de licenciatura em Letras pela FAFIG – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarabira, atualmente o campus III da UEPB.

⁸ No período compreendido entre 1986 e 2006 atuei como pintor artístico e publicitário em Guarabira e cidades vizinhas. A partir de junho de 2007 ingressei no serviço público municipal, exercendo a função de Auxiliar de Limpeza Urbana - Gari.

leitura e que a partir de então, abandonei completamente. Inclusive, os vestibulares prestados sempre foram sem nenhuma leitura prévia, com exceção da obra literária “O Romance do Pavão Misterioso” de José Camelo de Melo Resende, incluído como conteúdo do vestibular da UEPB 2010⁹.

O mais interessante é que me torno professor de História sem jamais ter tido contato com a História da Arte durante toda a formação. Mas em compensação, me encontrei com a Literatura de Cordel logo no concurso vestibular. Isto significa dizer que o que eu utilizava para me divertir durante a minha infância e adolescência no ensino básico, agora estava diante de mim e iria auxiliar na minha formação docente.

Quantas estrofes eu fiz para me divertir com os meus colegas no ensino básico? Quantos fatos do nosso cotidiano eu transformei em uma ou duas estrofes para atrair a atenção dos outros alunos? Mas, quando analiso o contexto da época, sobretudo do processo de ensino-aprendizagem, percebo que aquilo era o máximo que o cordel poderia ter me proporcionado, de fato, e que os professores nada puderam fazer para explorar este meu lado poético, criativo e divertido.

Hoje eu percebo que busco solucionar os meus problemas para com a docência a partir das minhas “falhas” do passado. A falta de conhecimento histórico pode ser superada com a criatividade e com determinação adquirida com a maturidade. Desta forma acredito que a Literatura de Cordel irá me acompanhar durante a minha futura trajetória docente.

Aquele medo inicial de me envolver com um grupo de adolescentes foi superado quando percebi que o estereótipo da juventude atual era desmistificado ao perceber que os adolescentes descompromissados com os estudos parecem não adentrar na academia e aqueles que conseguem, acabam abandonando (quase sempre) em curto espaço de tempo. Estes pressupostos têm como referência a turma que sou integrante e das outras que tive o orgulho de ser monitor.

Quanto ao medo de não compreender os conteúdos curriculares, posso afirmar que foi bastante favorável para o meu desempenho acadêmico.

Unindo este medo ao problema da falta do hábito da leitura, eu compus uma mistura capaz de me auxiliar diante da complicada escrita científica. Enquanto os demais alunos (ou parte deles) compreendiam os textos com uma única leitura, eu necessitava de duas ou três releituras para poder me igualar aos companheiros. O resultado foi gratificante e as leituras

⁹ Além do cordel de José Camelo de Melo Resende, fizeram parte da relação dos livros para o vestibular 2010: O Vôda Guará Vermelha, de Maria Valéria Rezende; Libertinagem, de Manoel Bandeira; e Boca do Inferno, de Ana Miranda.

passaram a fluir com mais liquidez, superando assim, os meus maiores obstáculos. Com isso vieram os resultados das avaliações, que fiz questão de manter até o final do curso¹⁰.

Todo o primeiro período letivo teve este desfecho: tensão, preocupação, atenção e muitas leituras para me manter em igualdade com os demais.

A partir do segundo período as tensões foram se desvanecendo e eu passei a dialogar com os conteúdos com mais naturalidade, inclusive me reaproximei da poesia buscando a descontração na sala de aula. Lembro-me muito bem quando fiz as primeiras estrofes com o uso do conteúdo acadêmico. Foi em uma aula de História Medieval, ministrada pela professora Dra. Alômia Abrantes, discorrendo sobre o poder da Igreja na Idade Média. Um pouco antes, ainda no primeiro período, havia construído algumas estrofes sobre a evolução e criação do mundo, a partir das aulas do professor Dr. Ruston Lemos, cursando a disciplina Pré-História, mas não apresentei para apreciação nem do professor e nem dos colegas.

Se eu tinha/tenho o prazer de escrever (apesar das dificuldades ortográficas), me faltava a intimidade com a oralidade. Ou seja, me faltava o essencial para o desenvolvimento acadêmico e o indispensável para a prática docente. Desta forma, o meu primeiro seminário, além de ser em História Medieval, teria que vir acompanhado do cordel. Para transformar o conteúdo em cordel, eu teria que “dominar completamente” o assunto e, confesso, acabei esquecendo que estava me preparando para uma apresentação oral, debruçando-me sobre a leitura com o intuito de poder fazer as rimas de acordo com a métrica do cordel¹¹ e ao mesmo tempo dar coerência ao texto. Ou seja, estudei bastante para poder dominar o conteúdo e fazer um cordel perfeito, acabando por esquecer os meus problemas com a própria leitura e com a dificuldade de me expressar oralmente. Na minha concepção os objetivos foram atingidos, pois me senti realizado com a apresentação, além de ter inovado perante os demais seminários.

Avancei no curso com o uso desta linguagem, e a cada seminário ou temática atrativa (aos meus interesses) eu findava por escrever algumas estrofes, que hoje estão prontas para serem publicadas e poderem corroborar este relato¹².

Superadas as dificuldades iniciais e já bem relacionado com o curso tive o maior prazer em ser selecionado em agosto de 2011 para ser monitor da disciplina Estudos da

¹⁰ Faltando apenas a computação de três disciplinas, num total de 31 cadeiras, o meu CRE equivale a 9,63. Saliendo que tenho uma frequência próxima de 100%.

¹¹ Para aprofundamento na História e regras do cordel, ver: LIMA, Arievaldo Viana (org.). **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Tupynanquim, 2006.

¹² Atualmente disponho de um trabalho científico escrito a partir dos cordéis produzidos durante o curso, onde faço uma análise teórico-metodológica da Licenciatura em História oferecida pela UEPB, campus III (2010-2013).

História, orientado pela professora Dra. Elisa Mariana, durante dois períodos letivos (2011.2 e 2012.1), sendo novamente aprovado na seleção de agosto de 2012, permanecendo por mais dois períodos (2012.2 e 2013.1). Orgulho-me de ter colaborado com dez turmas iniciantes do curso de História através da monitoria¹³. Salientando que, além da troca de conhecimentos, o companheirismo e as amizades conquistadas durante a monitoria superam qualquer outra experiência vivida na academia.

Fui aluno bolsista do PIBID durante três períodos letivos desde agosto de 2012¹⁴, considerando como uma experiência sem igual em relação à prática docente.

Se até então havia usado o cordel como recurso para interagir com os conteúdos na minha condição de discente, era chegada a hora de utilizá-lo como recurso para interagir na condição de docente. O PIBID me proporcionou esta satisfação, pois o nosso grupo pode desenvolver a experiência com o uso da História e da Literatura de Cordel em meio aos alunos do EJA¹⁵.

Lamento não ter participado de tantas outras atividades desenvolvidas na UEPB durante a minha formação. A falta de tempo foi um empecilho neste sentido, pois os compromissos com o trabalho, com o curso de Serviço Social, além dos afazeres familiares impuseram limites intransponíveis.

No passado, quando adolescente, renunciei aos estudos em busca de meios de sobrevivência, tendo em vista que desde a infância sempre trabalhei, assim permanecendo até os dias atuais. Mas o curioso é que hoje consigo conciliar as duas atividades ao mesmo tempo sem tantas dificuldades.

Minha decepção foi não ter me encontrado com a História da Arte na academia, mas reencontrei a Literatura de Cordel e a considero o meu grande “achado epistemológico”, ou o atrativo ideal para a prática docente. Como discente do curso de História, percebi o poder

¹³ Em 2011 a disciplina ainda era ministrada anualmente, por isso atuei em dias turmas da tarde e duas da noite durante um período; a partir de 2012, a disciplina passou a ser semestral e fiquei auxiliando em uma da tarde e uma da noite durante três períodos.

¹⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - Equipe formada por Aline Pereira Santiago, Francinaldo Augusto Gomes, Maria da Luz Rodrigues da Silva, Paulo Gracino da Silva e Roseane de Lima Santos; desenvolvendo o projeto na Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. Antônio Benvindo, modalidade EJA.

¹⁵ Para conhecer o resultado do projeto, ver: SANTIAGO, A. P; *et.all*. Quando o conhecimento se transforma em poesia: Uma experiência do ensino de História e da Literatura de Cordel na sala de aula. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_4datahora_04_10_2013_00_35_44_id_inscrito_439_8adf9f4b51af5edcb2335c5c309db916.pdf - Pesquisado em: 23 de novembro de 2013.

pedagógico permeado por esta linguagem tão nordestina e tão rica como fonte histórica, sobretudo quando tratamos dos novos sujeitos exumados pela Nova História Cultural¹⁶.

Não posso afirmar que sou um leitor em potencial, inclusive, sempre me destaquei por estar (nas horas vagas) constantemente pelos corredores do campus, batendo papo, contando piadas, discutindo conteúdos e jamais lendo. Não pelo fato de não dar importância às leituras, mas simplesmente porque ainda não consigo ler sem estar totalmente isolado do mundo. Infelizmente.

Mesmo assim, posso me apresentar com muito orgulho e sentimento de dever cumprido, como sendo aquele garoto que ingressou na escola aos seis anos de idade, no ano de 1975 e concluiu o ensino básico em 1986, aos dezessete. Esteve afastado da sala de aula até 2010, quando ingressou no curso de licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira. Em 2013 concluiu mais uma etapa da sua vida acadêmica (esperando não ser a última). Este recomeço em 2010 deve-se ao desejo de mudança e a uma frase proferida pelo então Secretário de Urbanismo, Meio Ambiente e Saneamento - SUMASA - da Prefeitura Municipal de Guarabira no ano de 2009: “*Lugar de Gari é no lixo*”. Agora, portanto, após um pouco mais de quatro anos da célebre frase incentivadora, eu posso dizer: sou o Professor de História Paulo Gracino da Silva, casado com Rosângela Araújo Gracino há 21 anos, brasileiro, natural de Guarabira, que jamais se cansa(rá) de buscar novos conhecimentos.

¹⁶ Ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. “História: Redemoinhos que atravessam os monturos da memória”. In: CASTELO BRANCO, Edwar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do e PINHEIRO, Áurea da Paz. (Orgs.). Histórias: Cultura, Sociedade, Cidade. Recife: Bagaço. 2005.

PARTE DOIS. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Uma oficina com música e vaquejada

A disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório II foi de fundamental importância para a nossa vida acadêmica e para o nosso futuro profissional, pois se tratou de uma grande experiência que marcou a nossa transição do lugar social do discente para o do docente.

A nossa orientação ficou sob a coordenação da professora Marisa Tayra Teruya que, juntamente com outros professores, promoveu os denominados “encontros de estágio”, buscando nos inteirar das atividades vindouras.

Nós tivemos no primeiro período, encontros direcionados às questões teóricas necessárias ao professor, informações direcionadas à parte burocrática do estágio, além da execução de uma aula oficina como atividade prática de ensino.

Por motivo da paralização ocorrida na UEPB, o nosso primeiro encontro se deu exatamente em um “encontro de estágio” no auditório do campus III¹⁷, contando com a apresentação das professoras Doutoradas Mariângelade Vasconcelos Nunese Luciana Calissi e do professor Doutor João Batista Gonçalves Bueno, além da nossa orientadora professora Doutora Marisa Tayra Teruya. Neste encontro foram repassadas as informações relacionadas ao estágio, dando ênfase à estruturação de um relatório de estágio.

Tivemos outros encontros, onde pudemos extrair dúvidas e nos prepararmos teoricamente para as atividades relacionadas. Inclusive, discutimos textos como: “Uma garota com ideias impróprias”, “Procedimentos metodológicos no ensino de História” e “Os sete saberes necessários à educação do futuro”¹⁸.

Dúvidas relacionadas aos conceitos de ensino *tradicional* e *inovador* foram expostas pela professora Marisa Tayra, chegando-se à conclusão de que o *tradicional* não está nos recursos metodológicos utilizados e sim na relação professor/aluno e ensino/aprendizagem. De acordo com Bittencourt (2004), o ensino tradicional:

¹⁷ O primeiro “encontro de estágio” ocorreu no dia 05 de junho; o segundo no dia 13 do mesmo mês e o terceiro no dia 21 de outubro de 2013, no auditório do campus III da UEPB.

¹⁸ Textos de Antônio Gil Neto (2008), Circe Maria Bittencourt (2004) e Edgar Morin (2001), respectivamente.

Fundamenta-se na ideia de que *ensinar é transmitir um conhecimento e aprender é repetir tais conhecimentos da maneira como foi transmitido*, sustentando a visão de que o aluno não possui nenhum saber sobre o que está sendo apresentado como objeto de ensino. Tais concepções de ensino e aprendizado explicam porque um método tradicional pode ser utilizado com tecnologia avançada (*grifos da autora BITTENCOURT, 2004, p. 230*).

A partir de então, nos direcionamos para o planejamento das atividades práticas, que neste período tratou-se da aplicação de uma aula oficina¹⁹ na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olívio Maroja, na cidade de Araçagi, no estado da Paraíba.

Fernandes (2008) enfatiza a importância da aula oficina, destacando que um bom planejamento é essencial para a obtenção de sucesso no desenvolvimento do projeto, apresentando outro elemento fundamental à unidade investigativa, que é a “seleção e guarda na biblioteca escolar do caminho percorrido/reflexões do professor e produção dos alunos” (p. 3).

Todos os alunos/professores estagiários participaram do planejamento das oficinas, que foram executadas em um único dia, no turno da tarde, envolvendo todas as turmas da E. M. E. F. Olívio Maroja.

A nossa equipe de oficinairos inicialmente estava composta por quatro alunos/professores, mas para podermos englobar todas as turmas da escola que nos ofereceu campo de estágio, nos dividimos em dois grupos e agregamos mais um elemento em cada equipe, ficando, portanto duas equipes de três componentes²⁰.

Para podermos melhor desempenhar as nossas atividades buscamos informações sobre a Escola M. E. F. Olívio Maroja.

A escola está localizada na comunidade de Violeta, fazendo parte dos benefícios destinados ao assentamento Maria Preta, no município de Araçagi, na Paraíba. Ficando distante da zona rural cerca de dezoito quilômetros, beneficiando uma população de 500 habitantes, aproximadamente.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Olívio Maroja foi fundada no ano de 1964 e funciona nos três turnos, abrigando as séries do ensino fundamental nos turnos da manhã e

¹⁹ Na percepção de Fernandes (2008) a Aula Oficina é uma atividade que constrói novas perspectivas para a Educação Histórica, demonstrando que o planejamento bem construído é o caminho ideal a ser seguido para a obtenção dos objetivos desejados. É interessante este tipo de atividade porque pode ser feita a seleção e o arquivamento dos trabalhos produzidos a partir da realização final da atividade. Seria, dessa forma, um incentivo a mais para os participantes da comunidade escolar buscarem cada vez mais um melhor desempenho e, conseqüentemente, atingirem um nível mais elevado em suas realizações.

²⁰ A formação inicial do nosso grupo era: Francinaldo Augusto Gomes, Paulo Gracino da Silva, Renata Gonçalves de Souza e Roseane dos Santos Lima; ficando formada após a redistribuição com: Beatriz Pereira Machado, Francinaldo Augusto Gomes e Paulo Gracino da Silva.

tarde, e o ensino da EJA à noite. Atualmente conta com 285 alunos matriculados regularmente.

A escola tinha, na ocasião, como diretor, o professor Izaias da Silva, que contava para o ano letivo de 2013 com um corpo docente composto por 15 professores; uma diretora adjunta; duas secretárias; quatro vigilantes que se alternam como porteiros; quatro auxiliares de serviço gerais, sendo distribuídas nas funções de cozinheira, auxiliar de cozinha e limpeza; e um supervisor escolar. Desta forma, o total de funcionários que formam os recursos humanos está composto por vinte e seis funcionários.

Quanto à estrutura física, podemos descrever que a escola possui oito salas de aula, uma diretoria que também funciona a secretaria, uma biblioteca, cinco banheiros, uma cantina, uma sala dos professores, uma sala de informática, um almoxarifado e uma dispensa. Não contavam com um ginásio para as atividades físicas, nem tão pouco com uma biblioteca.

Com algumas destas informações em mãos, partimos para o planejamento específico das oficinas²¹.

Buscamos em Bittencourt (2004), fundamentações para elaborar o nosso planejamento objetivando uma aula inovadora, onde pudéssemos transpor as barreiras existentes para o diálogo professor/conteúdo/aluno. Neste aspecto, nos aprofundamos na questão referente ao método dialético, onde a autora diz que:

Educadores como Paulo Freire também destacam a constituição de um método dialético pedagógico. Diferentemente de Bachelard, que acredita na capacidade do conhecimento científico de superar totalmente o conhecimento empírico adquirido pelo aluno e utiliza o conhecimento prévio apenas como ponto de partida para introduzir o “verdadeiro conhecimento”, Freire define o processo pedagógico pelo dialogismo, ou método dialógico, que valoriza o conhecimento empírico e fornece-lhe outro status (*grifos da autora* BITTENCOURT, 2004, p. 234).

Entendemos que, enquanto Bachelard denomina o método dialético como “obstáculo pedagógico” e que servirá de impulso para apreensão do conhecimento científico, Freire define como método dialógico, compreendendo e considerando, portanto, a importância do conhecimento prévio dos alunos. Bittencourt ainda nos apresenta explicações a respeito da utilização destes conhecimentos em sala de aula, destacando que:

(...) o conhecimento não pode ser posse exclusiva do professor, embora este tenha um conhecimento prévio sobre o objeto selecionado para o estudo assim como a responsabilidade de apresentá-lo para a discussão em classe. O

²¹ A aluna/professora estagiária Renata Gonçalves de Souza reside nas imediações de Violeta, estudou todo ensino básico nesta escola, sendo dela a ideia inicial de levarmos as nossas oficinas para tal instituição. Além de nos fornecer todo suporte necessário às atividades, inclusive, as informações prévias.

professor, no método dialógico, conhece mais sobre o objeto de estudo quando o curso começa, mas *reaprende* o conteúdo mediante o processo de estudá-lo com os alunos (*grifos da autora* BITTENCOURT, 2004, p. 234-5).

Com base nestas teorias e por se tratar de uma escola localizada na zona rural, tendo todos os seus alunos residente na mesma, buscamos trabalhar um tema voltado àquelas condições, onde pudéssemos partir dos seus conhecimentos prévios.

Definimos *As tradições culturais nordestinas* como tema central para a nossa oficina, tendo a *Vaquejada* como conteúdo específico, uma vez que constatamos a existência de três parques de vaquejadas na comunidade de Violeta e outros nas comunidades vizinhas. Para tal missão fizemos um levantamento bibliográfico básico sobre o assunto para podermos dialogar com mais segurança com os alunos.

Percebemos na história das vaquejadas muitas mudanças e permanências que facilitariam o nosso diálogo e, evidentemente, exploramos o que tínhamos de melhor para inovarmos em uma aula de História.

Com o grupo e o tema definidos, o nosso planejamento se voltou para a metodologia. Como se percebe em meu memorial, a minha preferência seria pelo uso da Literatura de Cordel como recurso metodológico, mas o trabalho seria em grupo e teríamos que decidir o melhor, tanto para o grupo quanto para a ocasião. Afinal, como diria Vasconcellos (2005, p. 38), “o planejamento só tem sentido se o sujeito coloca-se numa perspectiva de mudança” e a nossa intenção seria fazer diferente e buscar o melhor tanto para nós professores quanto para os alunos. Logo percebemos que o cordel não seria adequado o suficiente pelo fato de termos que trabalhar com uma turma do 6º ano do ensino fundamental, não sendo viável fazer a discussão do assunto e das regras do cordel com uma turma de crianças em tão curto espaço de tempo.

Decidimos trabalhar com música, tendo em vista que as festas de vaquejada, atualmente, não se dissociam dos shows musicais. Além do mais tínhamos em nossa equipe a aluna/professora Beatriz Pereira que tem o dom musical e o gosto pela inovação. Já Francinaldo Augusto é o nosso “conhecedor da História”, sendo este o elemento a explorar o conteúdo histórico com mais afinco.

A partir da minha aproximação com a poesia, da habilidade musical de Beatriz e do entusiasmo pelos conhecimentos históricos de Francinaldo, nós nos propomos a fazer uma paródia com os alunos da turma do 6º ano.

No dia 23 de agosto de 2013, às oito horas da manhã, saímos com destino à comunidade de Violeta, na zona rural da cidade de Araçagi, para realizarmos a atividade

prática, mas o Francinaldo Augusto não pôde comparecer e nem participar da atividade por motivos particulares. Juntamente com os demais alunos/professores e a professora Marisa Tayra, partimos em três automóveis em uma viagem de aproximadamente quarenta quilômetros, observando a paisagem transformada ao longo dos tempos e apreciando os rastros deixados pelo passado em nosso presente. Visitamos um parque de vaquejada, algumas construções abandonadas que relembram tradições pretéritas, conhecemos a comunidade e chegamos à escola por volta das onze horas da manhã.

Fomos bem recepcionados pela direção da instituição e aguardamos o horário determinado para as atividades.

A atividade foi planejada para a execução em duas horas. Às treze horas e trinta minutos começamos a experiência, após a chegada de todos os alunos do 6º ano fundamental, que ficou composta naquele dia por trinta e dois alunos²².

Começamos nos apresentando, anunciando o conteúdo a ser trabalhado e de que forma iríamos executar. De início houve algumas rejeições, mas nada além do previsto. Afinal, éramos os estranhos para eles.

Perguntamos se eles gostavam de vaquejada para podermos desenvolver a discussão (que planejamos para trinta minutos) e ficamos sabendo que o irmão de um dos alunos era vaqueiro e corria nas vaquejadas próximas. Isto nos aproximou dos nossos objetivos que era dialogar a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, como defende Bittencourt (2004). Discutimos sobre a remuneração do irmão do aluno e questionamos se eles achavam que sempre os vaqueiros foram pagos para derrubar o boi. Explicamos o início das vaquejadas no nordeste e fomos levantando outros questionamentos.

As professoras Menezes e Almeida (2008) nos deram suporte para tais discussões quando destacou que o início das vaquejadas está ligado ao fato de que:

Como não havia demarcações nas fazendas, as chamadas cercas de arame farpado, quando o gado se embrenhava na caatinga, misturava-se aos de outros fazendeiros. Assim, no período das chuvas ou ao momento da comercialização, o fazendeiro (...) convocava vaqueiros da própria fazenda e de outras circunvizinhas, objetivando aproveitar o conhecimento decorrente da lida diária e reaver e selecionar o seu gado (MENEZES e ALMEIDA, 2008, p. 184).

As fundamentações da autora puderam ser confirmadas a partir dos conhecimentos empíricos de um funcionário da escola – Senhor Daniel Martins–que também participou da

²² Fomos informados pela direção da escola que a turma do 6º ano é composta por 42 alunos regularmente matriculados no ano de 2013.

aula contribuindo e nos ajudando a descobrir mudanças e permanências na história das vaquejadas.

Discutimos sobre as vestimentas dos vaqueiros, a música nas vaquejadas, as regras e os pátios da apresentação, enfim, fizemos um levantamento dos elementos que compõem as vaquejadas, sempre relacionando presente e passado para vermos o que ainda permanece e o que mudou nesta tradição nordestina. Em um aspecto os alunos foram unânimes: a música é indispensável em uma festa de vaquejada. Diante disto, traçamos uma trajetória básica, unindo música e vaquejada desde o uso do aboio como instrumento condutor do gado até as grandes bandas especializadas²³. Com isso, os trinta minutos previstos haviam se esgotados e partimos para a segunda etapa, que era parodiar a música “Meu vaqueiro, meu peão” gravada pela banda Mastruz com Leite em 1993, de autoria de Rita de Cássia.

Havíamos planejado outra atividade para os alunos se porventura não aderissem ao nosso plano inicial. Como de fato, alguns não se identificaram com a nossa proposta central que era parodiar a letra de uma música, pedimos para que os mesmos fizessem desenhos relacionados à vaquejada a partir da nossa discussão. Dois alunos que se identificavam com o desenho puderam fazer as representações e outros sete se propuseram a colorir as gravuras, que no final serviu para ilustrar a letra da música.

Estampamos a letra da música em um telão através de um projetor de imagens e fomos alterando de acordo com a participação dos alunos. Ou seja, trocamos a letra original da música pela história da vaquejada, a partir da percepção dos alunos. Fomos apenas orientando e facilitando a atividade.

Uma coisa que nos chamou a atenção foi a vibração dos alunos quando eu, encarregado da digitação, escrevia algo errado, dando a entender que os mesmo estavam prestando a atenção até na escrita ortográfica. Beatriz, como sempre, deu um show no violão e prendeu a atenção dos pequenos estudantes, cantando com a turma ao término de cada parte da paródia. Eu fui digitando cada verso da música produzida por eles até à conclusão, ao ponto de agora podermos transcrever a produção na íntegra.

MINHA VAQUEJADA, SEU VALOR – 6º ANO - TARDE

A vaquejada já faz um tempão
Começou como uma profissão

²³ Para maiores informações sobre a música na vaquejada recomendamos: VIEIRA, Natã Silva. **Cultura de vaqueiro: O sertão e a música dos vaqueiros nordestinos**. III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007. Como exemplo de banda especializada destacamos a banda de forró Mastruz Com Leite, possuidora de um circuito de vaquejada, cujas informações podem ser encontradas no site <http://www.doidimporvaquejada.com/2013/09/14-circuito-mastruz-com-leite-de.html>.

Quando o vaqueiro ia trabalhar
 Como um bom derrubador
 Conquistou o seu valor
 E toda admiração...

Minha vaquejada, seu valor
 Do vaqueiro trabalhador
 Até o atleta campeão
 E valeu o boi...(2x)

Somente a História pode nos contar
 Como a vaquejada foi se transformar
 Fazendo o vaqueiro um campeão
 Começou como um trabalhador
 Agora ganha muito valor
 Dá até pra imaginar...

Minha vaquejada, seu valor
 Do vaqueiro trabalhador
 Até o atleta campeão
 E valeu o boi...(2x)

Nunca mudou, valeu o boi!
 Tem o vaqueiro mais o boi!
 Tem o cavalo, valeu o boi!
 É verdadeiro...(2x)

Além de esporte é uma diversão
 Transformou o vaqueiro em campeão
 Até a festança passou a mudar
 Hoje é um evento de grande valor
 Até as mulheres também conquistou
 O esporte da paixão...

Minha vaquejada, seu valor
 Do vaqueiro trabalhador
 Até o atleta campeão
 E valeu o boi...(2x)

Nunca mudou, valeu o boi!
 Tem o vaqueiro mais o boi!
 Tem o cavalo, valeu o boi!
 É verdadeiro...(2x)

Os alunos historicizaram a vaquejada, sempre relacionando o passado com o presente, descrevendo a trajetória do vaqueiro desde o início da profissão, “*como um bom derrubador*” e “*até o atleta campeão*”, demonstrando a sua percepção quanto à atividade, pois nesse caso, a vaquejada é entendida como um esporte. Compreendem que “*Somente a História pode nos mostrar*” as transformações ocorridas ao longo dos tempos. Ou seja, “*Nunca mudou tem sempre o boi! / Tem um vaqueiro e o boi! / Com um cavalo mais o boi!*”, demonstrando que esses três elementos permanecem desde o início da prática no sertão nordestino. Os alunos, portanto, descreveram na letra da paródia tantas informações que nos surpreendemos ao

término da atividade. Com cerca de cinquenta minutos encerramos esta etapa e fomos conferir os desenhos produzidos pela outra equipe, que serviu muito bem para ilustrar a letra produzida.

Restando aproximadamente trinta minutos para encerrarmos a experiência, Beatriz se aconchegou ao centro dos alunos que se encontravam todos sentados no chão da sala e os convocou para cantarem juntos, a paródia produzida. Os que não se dispuseram a cantar, se colocaram à disposição para transcrever a letra da paródia e legendar os desenhos produzidos, que foram encadernados e podem servir como documento da experiência. Não esquecendo que produzimos um vídeo, onde os alunos cantam a paródia diante do telão, ao lado de Beatriz, produzindo assim, mais documentos que poderão ser arquivados na biblioteca da escola, indo de encontro às propostas de Fernandes (2008).

Portanto, a experiência foi de bastante proveito, tendo em vista que pudemos trabalhar um tema local/regional²⁴ com os alunos do 6º ano do ensino fundamental, dialogando com os mesmos a partir de suas vivências. Buscamos acrescentar a esses conhecimentos conteúdos científicos, sempre procurando valorizar esses conhecimentos adquiridos em seus cotidianos. O tema agradou a maioria, com certeza, e acreditamos ter atingido o objetivo central, que era executar uma aula inovadora sem nos distanciarmos da realidade vivida, fundamentado no pensamento de Bittencourt (2004).

Uma regência a partir do obstáculo na sala de aula

A segunda parte do Estágio Supervisionado Obrigatório II, da regência em História em sala de aula, foi desenvolvida na EEEFM Odilon Nelson Dantas, na cidade de Cuitégi, Paraíba.

Todos os encontros realizados no primeiro período letivo serviram como suporte para a nossa regência, que aconteceu no segundo período de 2013. Para não atrapalharmos o calendário da escola concedente de estágio, nos dispomos a realizar as atividades no período compreendido entre os dias 18 de setembro e 04 de outubro de 2013, no recesso da UEPB.

A EEEFM Odilon Nelson Dantas foi fundada em 1982 e está localizada à Rua José Marinho da Silva, S/N - Bairro Santo Antônio, na zona urbana de Cuitégi²⁵, Paraíba. Funciona

²⁴ Os PCN além de propor os temas transversais, propõem também a regionalização dos conteúdos curriculares, confluindo, deste modo, como mais um dos nossos objetivos.

²⁵ Segundo os dados do IBGE, a cidade de Cuitégi possui uma área de 39,302 km², comportando uma população de 6.889 habitantes de acordo com o Censo Demográfico de 2010.

integralmente nos três turnos, oferecendo o Ensino Fundamental e Médio. Contou no ano letivo de 2013 com 700 alunos regularmente matriculados. Está integrado ao programa “Mais Educação”, do Ministério da Educação e Cultura, do Governo Federal. Os alunos possuem características urbanas e rurais, proporcionalmente aproximadas.

A escola dispõe de um quadro de funcionários composto por cinquenta e uma pessoas, sendo distribuído da seguinte forma: vinte e sete professores; dois coordenadores pedagógicos; um supervisor escolar; uma secretária; três inspetores escolares; um digitador; três vigilantes; três porteiros; seis auxiliares de serviço gerais; três cozinheiras; além do diretor.

A escola possui uma estrutura física dividida em seis salas de aula, uma sala dos professores, uma diretoria, uma secretaria, três banheiros, uma cozinha, um auditório, um refeitório e um ginásio de esporte, mas não possui uma biblioteca.

O nosso estágio teve início no dia 18 de setembro, onde fomos apresentados à instituição²⁶, acompanhados pelo professor supervisor de campo. Fomos apresentados formalmente ao diretor, que nos foi bastante atencioso. Em seguida, fomos apresentados em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, da qual jamais irei esquecer. Quando o professor nos convidou para conhecer a referida turma, nos adiantou que se tratava da turma mais indisciplinada da escola. De fato, a experiência não foi das melhores, ou simplesmente não combinava com nossa expectativa inicial. A turma se encontrava, no momento da nossa chegada, em um barulho ensurdecedor. Quando o professor anunciou a nossa presença, os alunos sequer deram atenção a ele e a nós.

O Professor tentou mais uma vez chamar a atenção dos mesmos, mas a tentativa foi em vão. Ele insistiu e falava em meio ao barulho produzido pelos estudantes sem nenhum resultado positivo. Mesmo assim, insistiu e anunciou que a partir daquela instante nós iríamos ministrar algumas aulas de História, havendo naquele momento uma reação por parte dos alunos. Não esperaram o desenrolar da notícia, e nos dispararam uma sonora vaia. A partir de então, os alunos pareciam ter prestado atenção no que o professor falara de início, resistindo e nos vaiando com intensidade.

O professor supervisor recorreu à direção que intercedeu de forma severa, fazendo um discurso inflamado direcionado aos alunos²⁷. Apresentamo-nos então, e fomos agraciados com uma salva de palmas, apesar da resistência de alguns integrantes. Em seguida, nos dispomos a interagir com os alunos, com o conteúdo e com o professor supervisor. Tratava-se de duas

²⁶ A minha regência de estágio foi desenvolvida em companhia do aluno/professor Francinaldo Augusto Gomes, onde pudemos executar aulas em dupla individualmente.

²⁷ O diretor se direcionou em especial a um determinado aluno intitulando-o como o aluno mais indisciplinado da escola, causando-me espanto.

aulas e, após participarmos da primeira, durante a segunda fomos mediadores do conteúdo “Civilização Fenícia”, em parceria com o professor supervisor.

Voltamos ao 6º ano do Ensino Fundamental para mais uma “batalha”, trabalhando “O Império Persa”, destacando a *localização, origem e formação dos persas*. Apresentamos uma vídeo aula²⁸ enquanto observamos os alunos e em seguida apresentamos um texto, anunciando que teríamos uma atividade lúdica ao término da leitura. Seria um bingo, onde a cada número marcado o aluno teria que responder uma questão extraída do texto, sendo o vencedor aquele que marcasse a sequência necessária de números chamados e respondesse corretamente cada questão. Adiantamos que teríamos uma caixa de bombons como incentivo para o vencedor. Para a nossa surpresa, o aluno antes anunciado como o mais indisciplinado da escola, concentrou-se totalmente durante a apresentação do vídeo, fez toda a leitura do texto e conseguiu ser o primeiro a marcar os números sorteados, acertando todas as respostas correspondentes a cada número sorteado. Até então, as aulas foram ministradas em dupla, obedecendo as orientações predeterminadas pela orientadora do estágio.

Fizemos um planejamento inicial para as aulas seguintes e fomos autorizados pelo professor no sentido de desenvolvermos as atividades de acordo com as nossas experiências acadêmicas e, sobretudo, do PIBID²⁹. Neste aspecto, podemos afirmar que o nosso estágio contou com o máximo apoio do professor supervisor como também da diretoria da escola.

Seguindo o planejamento prévio do professor supervisor, nos encarregamos de ministrar as seguintes aulas, algumas em dupla, outras individualmente, conforme segue:

- (Dupla) Turma do 3º ano do Ensino Médio, dia 24 de setembro de 2013: “Brasil: Os conflitos sociais e a crise da república oligárquica”, destacando os conteúdos:
 - *O Cangaço* (3ª aula da turma)
 - *A Revolta da Vacina*(4ª aula da turma).
- (Dupla) Turma do 8º ano do Ensino Fundamental, ainda no dia 24 de setembro: “O fim do Primeiro Reinado”, com ênfase:
 - *A Confederação do Equador*(5ª aula da turma),

²⁸ Vídeo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=1_hb2ST53fY

²⁹ Somos alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID – desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo, na cidade de Guarabira – PB.

- (Individual) Turma de 7º ano: “O catolicismo no Brasil”, dia 30 de setembro, com ênfase:
 - *Os Jesuítas e a religião oficial* (2ª aula da turma).
 - Nesta, busquei partir da religiosidade de cada aluno para poder relacionar com as primeiras missões implantadas no Brasil.

- (Dupla) Turma do 8º ano, 30 de setembro: *As crises que levaram à abdicação de D. Pedro I*,
 - ”Fim do Primeiro Reinado”
 - Fundamentado em Bittencourt (2004), buscamos interagir com alunos e expusemos o conteúdo a partir de um vídeo que mostra a vida do atual presidente do Uruguai José Mujica³⁰, fazendo a dialética passado/presente, mostrando a situação atual daquela que foi a Cisplatina da época, um dos fatores que influenciou na abdicação de D. Pedro I³¹, girando em torno do econômico e financeiro de então, para hoje termos um presidente que renunciou até mesmo a uma parte do salário presidencial.

- (dupla) Turma do 6º ano, dia 30 de setembro, revisão sobre o Império Persa,
 - *administração, a economia, a religião e a cultura* (6ª aula da turma).
 - Este conteúdo já havia sido apresentado pelo aluno/estagiário Francinaldo. A turma realmente parecia ser indisciplinada, mas podemos entender que a quantidade de alunos e as dimensões da sala de aula colaboram para tal fenômeno³².

- (dupla) Turma 7º ano do Ensino Fundamental, 01 de outubro de 2013, 2ª aula,: “O Catolicismo no Brasil”, enfatizando
 - *A religiosidade e a Inquisição no Brasil*.
 - Partindo do conteúdo anterior pudemos discutir a temática sem muitos problemas.

³⁰ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xh3RiwrUFYs>

³¹ Para maiores detalhes sobre a Guerra da Cisplatina ver: VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.

³² Fomos informados que 52 alunos estão matriculados na turma, com uma frequência média de 42 alunos por dia. Sem esquecer que a sala tem aproximadamente 60 metros quadrados e uma parte também é ocupada por livros sem nenhuma divisão física concreta.

- (Dupla) Turma do 3º ano do Ensino Médio, 01 de outubro, tema “O Fim da República Velha”, discutindo o conteúdo
 - *A crise do café e o movimento de 1930*(3ª aula da turma).
 - Discutimos, a partir das aulas anteriores, a geração da crise e as suas consequências para a política oligárquica do país. Realizamos uma avaliação lúdica utilizando a brincadeira do bingo que já mencionamos anteriormente.
 - A diferença em relação à turma do 6º ano ficou na metodologia aplicada para a atividade, pois dividimos a turma em duas equipes e a que marcasse primeiro os números sorteados, teria que dissertar sobre as questões correspondentes. Gerou-se uma boa discussão sobre o assunto, tendo em vista que o outro grupo, ao discordar sobre a resposta dada, teria que justificar o seu questionamento. A verdade é que o grupo que marcou primeiros os números chamados no bingo não conseguiu responder e convencer o segundo grupo.

- (Dupla) Turma do 3º ano do Ensino fundamental, dia 04 de outubro de 2013
 - revisão sobre *A crise do café e o movimento de 1930*(4ª aula do dia)
 - Para este último encontro planejamos uma avaliação. A nossa orientadora de estágio Marisa Tayra se fez presente e pudemos perceber a desenvoltura da turma que, em nossa opinião, foi a de melhor proveito em nosso estágio, no sentido de interação professor/aluno/conteúdo. Utilizamos a charge como recurso metodológico e buscamos revisar o conteúdo a partir da aula anterior. Selecionamos oito charges que tratam cronologicamente dos motivos que levaram à crise do café e ao movimento de 1930.

De acordo com Bittencourt (2004), uma aula inovadora é aquela em que há uma troca de conhecimentos, ou melhor, é aquela em o professor é o mediador da discussão acerca do conteúdo, fazendo com que o aluno descubra criticamente o que está por trás de cada discurso. Neste sentido, a autora diz que:

A formulação do problema sobre o objeto de estudo inicia o processo que faz com que surjam novas perguntas ou novos obstáculos e se busquem as variáveis para obter as respostas (ou as possíveis respostas). As indagações permitem considerar o objeto de estudo ou o fenômeno a ser estudado de outro ponto de vista. É por intermédio dessas variáveis, geralmente opostas umas às outras, pela dialética entre erro e acerto que se forma o pensamento científico e se possibilita efetivamente a constituição de uma crítica sobre o objeto ou o fenômeno que se está estudando (BITTENCOURT, 2004, p. 234).

Isto reflete em nossa auto avaliação da regência de estágio, pois o essencial é partirmos sempre de algo pré-existente no aluno, ou na realidade da comunidade escolar. Partindo daquilo que Bachelard denomina de obstáculo e que Freire define como método dialógico (apud Bittencourt), poderemos explorar o melhor de cada aluno. Em nosso caso, partimos da “vaia” inicial para descobrirmos o potencial de um aluno que está rotulado como o mais indisciplinado da escola. Talvez, se tivéssemos seguido a qualificação generalizada da turma do 6º ano (“a mais indisciplinada da escola”), não teríamos rompido com o tradicionalismo no ensino. Recusamos esta informação e buscamos pôr em prática as orientações discutidas ao longo do curso. Bittencourt, ao se reportar ao ensino tradicional, faz uma crítica ao modelo em que o aluno

recebe de maneira passiva uma carga de informações que, (...) passam a ser repetidas mecanicamente de forma oral ou por escrito com base naquilo que foi copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros” (BITTENCOURT, 2004, p. 226-7)

Tal crítica vale também para o docente que não analisa o contexto em que está inserido e simplesmente repassa os conhecimentos (que neste caso, em especial, é empírico) produzidos por outrem, sem sequer questionar.

Lamento não ter podido utilizar a Literatura de Cordel em minhas regências de estágio por questão de tempo, mas fazendo um balanço geral das atividades, posso afirmar terem sido proveitosas pelo fato de ter tido experiências com turma considerada indisciplinada; com turma com alto nível de conhecimento prévio, contribuindo na discussão; com turmas participativas sem muitos conhecimentos históricos; além dos alunos que dormiram durante a aula, dos que me surpreenderam e daqueles que não somaram e nem diminuíram no contexto geral. Ou seja, encontrei o cenário perfeito para possíveis explorações docentes futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o ano letivo ter sido bastante complicado, sobretudo por causa da paralisação da Universidade Estadual da Paraíba, com relação à disciplina curricular Estágio Supervisionado II é possível afirmar que as experiências foram bastante positivas para as nossas pretensões como profissionais docentes, tendo em vista que as aulas discursivas em sala de aula, as observações e a oficina pedagógica, além das regências realizadas nos ajudaram na reflexão sobre o nosso futuro.

As discussões em sala foram suficientes para compreendermos a importância do trabalho coletivo na vida de um professor, pois muitas vezes recebemos apoio dos companheiros e também apoiamos quando necessário, fazendo-nos refletir sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP). Parafraseando Vasconcellos (2005), o PPP se configura numa ferramenta de planejamento e avaliação que todos os membros das equipes gestora e pedagógica devem consultar a cada tomada de decisão. Ou seja, é um planejamento que guia a direção para todos os envolvidos no projeto, que em nosso caso, fomos nós, alunos estagiários e a professora orientadora. Neste aspecto, o sucesso das nossas ações está relacionado ao nosso companheirismo e determinação.

As observações feitas às oficinas dos companheiros também nos ajudaram muito para a nossa experiência. Ou melhor, a nossa assistência às atividades dos demais alunos foi necessária para atingirmos os nossos objetivos, pois no instante em que colaborávamos voluntariamente para a execução do trabalho do companheiro, estávamos adquirindo experiência e confiança para a elaboração da nossa. Isto nos envia mais uma vez aos escritos de Vasconcellos (2005), que diz que planejar remete ao ato de querer mudar algo, acreditando na possibilidade de mudança da realidade ao ponto de vislumbrar a possibilidade de realizar uma determinada ação. Essa foi a nossa realidade, depois de um ano letivo com alguns atropelos, mas riquíssimo em inovações, a nossa necessidade exigiu esforço e dedicação para superarmos a falta de experiência e conseguirmos uma grande vitória em conjunto.

Fazer planejamentos de atividades, produzir aula oficina, administrar a regência de aulas práticas, ultrapassar os limites da sala de aula e ainda se sentir realizado foram as características marcantes do ESO II. Portanto, acreditamos ter atingido os objetivos

idealizados para a nossa experiência, bem como para a construção deste relatório de estágio, que também se estende e se transforma em um Trabalho de Conclusão de Curso, nos possibilitando, assim, a titulação de graduado em História.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. História: **Redemoinhos que atravessam os monturos da memória**. In: CASTELO BRANCO, Edwar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do e PINHEIRO, Áurea da Paz. (Org.). *Histórias: Cultura, Sociedade, Cidade*. Recife: Bagaço, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, Aline. História: **Teorias, Historiografias e Ensino**. Campinas: Unicamp, 2010.

FERNANDES, L. Z. **A Reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa**. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes. S. P. FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

GIL NETO, Antonio (org.). **A memória brinca. Uma ciranda de histórias do ensino municipal paulistano**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: SINESP, 2008.

LIMA, Arievaldo Viana (org.). **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Tupynanquim, 2006.

MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAES, Fernando. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In.: SCHWARCZ, Lilia (org.) *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998, vol. 4.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda. **Vaquejada: A pegada do boi na caatinga resiste no sertão sergipano**. In.: *Revista Vivência*, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação no futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NUNES, A.I.B.L e SILVEIRA, R.N. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Fortaleza: Liber Livro, 2008.

PARAÍBA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Sociocultural**. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

SAVIANI, Dermeval. As concepções pedagógicas na História da educação brasileira. Projeto de Pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”. Campinas, 2005.

_____, Dermeval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez/Autores Associados.1983.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico.** 14. ed. São Paulo: Liberta, 2005, p. 35-77.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: **Uma retrospectiva histórica.** In.: Repensando a didática. Campinas: Editora Papirus, 2004.

VIEIRA, Natã Silva. **Cultura de vaqueiro: O sertão e a música dos vaqueiros nordestinos.** III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007.

ANEXOS

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II

PROFESSORA: MARISA TAYRA

ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA – I

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 5º Ano (3ª aula)

Dia: 18/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: Civilização Fenícia.

Conteúdo: Localização, origem e formação dos Fenícios.

Objetivo Geral:

- Identificar a localização atual, bem como mostrar as origens e a formação dos povos fenícios.

Objetivos Específicos:

- Discutir situações atuais que envolvem os povos libaneses;
- Mostrar como se deu o povoamento da Fenícia e quais foram os seus primeiros habitantes;
- Mostrar como se desenvolveu o processo que resultou na formação da civilização dos fenícios.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar o conhecimento dos alunos sobre os Fenícios, envolvendo informações do atual país do Líbano.

Procedimentos:

- Partiremos de uma discussão sobre a religião no Oriente Médio;
- Depois identificaremos os povos formadores da civilização;
- Apresentaremos as características principais da região fenícia.

Avaliação:

- Apenas dialogaremos com os alunos.

Recursos Didáticos: Lousa; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

CARDOSO, C. F. S. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - II

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor: Ivo Roseno

Curso: Ensino Médio

Série: 3º Ano (3ª aula)

Dia: 24/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: Brasil: os conflitos sociais e a crise da república oligárquica.

Conteúdo: O cangaço.

Objetivo Geral:

- Identificar a prática do cangaço no Brasil, contextualizando e problematizando as ações dos cangaceiros.

Objetivos Específicos:

- Identificar as origens do cangaço brasileiro;
- Mostrar o período histórico que foi marcado pela prática do cangaço, problematizando os conceitos de “herói e bandido” a partir das ações do Estado;
- Identificar o auge e o declínio, bem como os motivos que levaram à queda do cangaço.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar nos alunos os seus conhecimentos sobre os conceitos de herói e de bandido.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre os movimentos urbanos atuais problematizando acerca dos heróis e dos anti-heróis contemporâneos.
- Discutiremos sobre Lampião e as suas ações no Nordeste brasileiro;

- Identificaremos outros cangaceiros que fizeram parte da História do cangaço, além de relacionar os movimentos com as ações do Estado.

Avaliação:

- A avaliação será através da participação oral.

Recursos Didáticos: Lousa; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

PETTA, Nicolina Luiza de; OJEDA, Eduardo A. Baez; DELFINI, Luciano. **História: uma abordagem integrada**. São Paulo: Moderna, 2005.

RODRIGUE, Joelza Ester. **História em documento: imagem e texto**. São Paulo: FTD, 2002.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - III

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor: Ivo Roseno

Curso: Ensino Médio

Série: 3º Ano (4ª aula)

Dia: 24/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: Brasil: os conflitos sociais e a crise da república oligárquica.

Conteúdo: a Revolta da Vacina.

Objetivo Geral:

- Contextualizar o movimento conhecido como a Revolta da Vacina.

Objetivos Específicos:

- Identificar o que levou o governo a baixar uma lei obrigando a vacinação de toda população;
- Analisar como se desenvolveu o processo de higienização e como a população o recebeu;
- Discutir as medidas e as consequências ao final do movimento.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar nos alunos os seus conhecimentos sobre os movimentos sociais.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre os movimentos urbanos atuais problematizando algumas leis vigentes no país.
- Discutiremos sobre as condições de higiene da época;
- Apresentaremos algumas das consequências do movimento.

Avaliação:

- A avaliação será através da participação oral.

Recursos Didáticos: Lousa; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

PETTA, Nicolina Luiza de; OJEDA, Eduardo A. Baez; DELFINI, Luciano. **História: uma abordagem integrada.** São Paulo: Moderna, 2005.

RODRIGUE, Joelza Ester. **História em documento: imagem e texto.** São Paulo: FTD, 2002.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil.** São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - IV

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 8º Ano (5ª aula)

Dia: 24/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: O fim do Primeiro Reinado.

Conteúdo: A Confederação do Equador.

Objetivo Geral:

- Compreender o movimento denominado de “A Confederação do Equador”, relacionando com o fim do Primeiro Reinado.

Objetivos Específicos:

- Contextualizar cronologicamente o movimento A Confederação do Equador;
- Identificar os interesses que levaram ao movimento, e quais as províncias estavam envolvidas;
- Mostrar as medidas tomadas pelo governo imperial, que pôs fim ao movimento, e as consequências do movimento para o Império Brasileiro.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar nos alunos os seus conhecimentos sobre a localização geográfica da deste acontecimento.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre uma notícia atual onde um advogado do Paraná levantou a hipótese de separação entre o Nordeste e o Brasil;
- Mostraremos quando começou e quem foram os mentores da ideia;
- Relacionaremos com as ações que levaram à abdicação de D. Pedro I.
- Faremos a ligação entre os movimentos da época e o fim do Primeiro Reinado.

Avaliação:

- Um exercício de perguntas e respostas escrito.

Recursos Didáticos: Lousa; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

ALGRANTI, L. M. **D. João VI: os bastidores da independência**. São Paulo: Ática, 1987.

DEL PRIORE, Mary; *et al.* **500 anos de Brasil: história e reflexões**. São Paulo: Scipione, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp/FDE, 1994. (Didática, 1).

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - V

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 6º Ano (3ª aula)

Dia: 25/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: O Império Persa.

Conteúdo: Localização, origem e formação dos Persas.

Objetivo Geral:

- Identificar a localização atual, bem como mostrar as origens e a formação dos povos persas.

Objetivos Específicos:

- Discutir situações atuais que envolvem os povos do Irã;
- Mostrar como se deu o povoamento da Pérsia e quais foram os seus primeiros habitantes;
- Mostrar como se desenvolveu o processo que resultou na formação do Império Persa.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar o conhecimento dos alunos sobre os Fenícios, conteúdo discutido na última aula.

Procedimentos:

- Partiremos de uma discussão sobre o bem e o mal;
- Depois seguiremos a discussão sobre os livros didáticos usa o exemplo: os Estados Unidos contra o Irã;

- Encerraremos com fazendo a relação entre a atualidade, ao origem e a formação dos persas.

Avaliação:

- A avaliação será efetivada na aula seguinte (4º horário), pois iremos prosseguir com o tema atual.

Recursos Didáticos: Data Show; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

CARDOSO, C. F. S. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - VI

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 7º Ano (2ª aula)

Dia: 30/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: O Catolicismo.

Conteúdo: Os Jesuítas e a religião oficial.

Objetivo Geral:

- Mostrar como os jesuítas se estabeleceram no Brasil e quais as os interesses em catequizar os índios brasileiros.

Objetivos Específicos:

- Identificar a figura de Tomé de Sousa, que foi o pioneiro na intermediação entre os nativos e os colonos;
- Discutir acerca dos interesses na catequização indígena, bem como se deu tal processo;
- Explicar porque o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas da colônia em 1758.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar nos alunos os seus conhecimentos sobre o cristianismo.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre religião e religiosidade;
- Discutiremos sobre quem eram os jesuítas;
- Mostraremos os interesses que eles tinham em catequizar os índios do Brasil;

- E por fim explanaremos sobre a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de pombal

Avaliação:

- A avaliação se dará por meio da participação dos alunos.

Recursos Didáticos: Data show; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

DEL PRIORE, Mary. (org.). **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. São Paulo: Ática, 1997.

SENISE, Elaine Barbosa; NAZARO JÚNIOR, Newton; PÊRA, Silvio Adegas. **Coleção Panorama da História**. Curitiba: Positivo, 2005.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História: Das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Moderna, 2006.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - VII

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 8º Ano (3ª aula)

Dia: 30/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: Fim do Primeiro Reinado.

Conteúdo: As crises que levaram à abdicação de D. Pedro I.

Objetivo Geral:

- Mostrar o contexto histórico que culminou com o fim do Primeiro Reinado.

Objetivos Específicos:

- Discutir a dissolução da Assembleia Constituinte (1823), bem como a outorgação da Constituição de 1824;
- Identificar os atos autoritários de D. Pedro I e o descontentamento da sua base de sustentação política, que se situava entre os comerciantes e proprietários de terra do período;
- Mostrar como as questões econômicas também contribuíram para a queda, sobretudo, a contração de dívidas com a Inglaterra e o gasto de verbas com a Guerra da Cisplatina.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar nos alunos os seus conhecimentos sobre o conceito de **crise**, partindo dos seus cotidianos e adentrando no contexto das crises que levaram à queda de D. Pedro I.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre o conceito de crise no cotidiano;

- Apresentaremos uma lista de crises, partindo dos movimentos de 2013 e voltaremos até o Século XIX;
- Mostraremos a relação entre as crises e as ações do Imperador, gerando desconforto econômico, político, militar e conseqüentemente o desconforto geral da população.

Avaliação:

- A avaliação será efetivada na aula seguinte (5º horário), pois iremos prosseguir com o tema atual.

Recursos Didáticos: Data Show; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

ALGRANTI, L. M. D. **João VI: os bastidores da independência**. São Paulo: Ática, 1987.

DEL PRIORE, Mary; *et al.* **500 anos de Brasil: história e reflexões**. São Paulo: Scipione, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp/FDE, 1994. (Didática, 1).

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - VIII

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 8º Ano (4ª aula)

Dia: 30/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: Fim do Primeiro Reinado.

Conteúdo: A Guerra da Cisplatina.

Objetivo Geral:

- Mostrar o contexto histórico que culminou com o fim do Primeiro Reinado.

Objetivos Específicos:

- Contextualizar cronologicamente a Guerra da Cisplatina;
- Identificar os interesses que levaram à Guerra, bem como o porquê da mesma ser impopular;
- Mostrar as consequências da Guerra para o Império Brasileiro e a sua ligação com a queda de D. Pedro I.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar nos alunos os seus conhecimentos sobre a localização geográfica da então Cisplatina, relacionando o Brasil e o Uruguai desde o tempo que a Cisplatina pertencia ao nosso país.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre o Presidente do Uruguai, José Mogica;

- Apresentaremos um mapa político da América do Sul, discutindo a localização do Uruguai/Cisplatina;
- Mostraremos a localização dos países envolvidos, a localização da Cisplatina e os interesses que estavam em jogo naquele contexto.
- Faremos a ligação entre as duas aulas e o fim do Primeiro Reinado.

Avaliação:

- A avaliação será realizada através de um bingo pedagógico, onde a cada número chamado o aluno responderá uma pergunta sobre o tema.

Recursos Didáticos: Data Show; texto impresso; bingo; lápis e papel.

Bibliografia:

ALGRANTI, L. M. D. **João VI: os bastidores da independência**. São Paulo: Ática, 1987.

DEL PRIORE, Mary; *et al.* **500 anos de Brasil: história e reflexões**. São Paulo: Scipione, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp/FDE, 1994. (Didática, 1).

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - IX

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 6º Ano (6ª aula)

Dia: 30/09/2013

Duração: 45 minutos

Tema: O Império Persa.

Conteúdo: Revisão dos conteúdos: Administração, economia, religião e cultura persa.

Objetivo Geral:

- Revisar o conteúdo de forma sucinta direcionado para a avaliação do 3º bimestre.

Objetivos Específicos:

- Discutir a forma de administração persa;
- Identificar o apogeu e o declínio do império;
- Mostrar as características econômica, religiosa e cultural dos persas.

Metodologia:

- Aula expositiva com questionário voltada para a avaliação.

Pré-requisitos:

- Revisar o conteúdo exposto na aula anterior.

Procedimentos:

- Discutiremos sobre as possíveis questões que serão incluídas na avaliação;
- Faremos a correção do questionário.

Avaliação:

- A avaliação será realizada através de um questionário para servir como teste para a atividade avaliativa.

Recursos Didáticos: Lousa; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

CARDOSO, C. F. S. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - X

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Fundamental

Série: 7º Ano (2ª aula)

Dia: 01/10/2013

Duração: 45 minutos

Tema: O Catolicismo.

Conteúdo: A religiosidade e a Inquisição no Brasil.

Objetivo Geral:

- Mostrar como o Catolicismo se expandiu pelo Brasil e como se deu o processo da Inquisição Católica.

Objetivos Específicos:

- Buscar explicação para a relação entre as ações dos jesuítas e as práticas religiosas das outras culturas;
- Identificar quem eram os perseguidos pela Santa Inquisição;
- Contextualizar cronologicamente o processo inquisitório do Brasil para problematizar as ações da Igreja Católica.

Metodologia:

- Aula expositiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar nos alunos os seus conhecimentos sobre o cristianismo.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre religião e religiosidade;
- Discutiremos sobre quem eram os jesuítas;

- Mostraremos os interesses que eles tinham em catequizar os índios do Brasil;
- Explanaremos sobre a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de pombal.
- E por fim relacionamos as ações inquisitórias com o contexto histórico da colônia.

Avaliação:

- A avaliação se dará por meio da participação dos alunos.

Recurso Materiais: Data show; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

DEL PRIORE, Mary. (org.). **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. São Paulo: Ática, 1997.

SENISE, Elaine Barbosa; NAZARO JÚNIOR, Newton; PÊRA, Silvio Adegas. **Coleção Panorama da História**. Curitiba: Positivo, 2005.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História: Das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Moderna, 2006.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - XI

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Médio

Série: 3º Ano (3ª aula)

Dia: 01/10/2013

Duração: 45 minutos

Tema: O Fim da República Velha.

Conteúdo: A crise de 1929 nos Estados Unidos e a crise do café no Brasil.

Objetivo Geral:

- Identificar a relação entre as crises dos Estados Unidos e do Brasil.

Objetivos Específicos:

- Compreender o processo da crise de 1929 nos EUA;
- Relacionar a crise americana com a crise do café no Brasil;
- Explicar porque a crise do café desestruturou a política oligárquica do país.

Metodologia:

- Aula discursiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Conhecer os conhecimentos dos alunos sobre a política do café-com-leite.

Procedimentos:

- Partiremos da discussão sobre o conceito **crise**, utilizando uma **charge** como recurso didático;
- Tentaremos explicar o processo da crise de 1929 nos EUA;
- Faremos a ligação com a crise do café brasileiro, mostrando o seu processo;
- Relacionaremos a crise do café com a política oligárquica do país.

Avaliação:

- A avaliação será realizada através de um bingo pedagógico, onde a cada número chamado o aluno responderá uma pergunta sobre o tema.

Recursos Didáticos: Charge impressa; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

CHAUI, Marilene. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

DECCA, E. 1930: **O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.

UEPB – CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II
PROFESSORA: MARISA TAYRA
ALUNO: PAULO GRACINO DA SILVA

PLANO DE AULA - XII

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas – Cuitegi/PB

Disciplina: História

Professor Supervisor de campo: Ivo Roseno

Curso: Ensino Médio

Série: 3º Ano (4ª aula)

Dia: 04/10/2013

Duração: 45 minutos

Tema: O Fim da República Velha.

Conteúdo: Revisão: A crise de 1929 nos Estados Unidos e a crise do café no Brasil.

Objetivo Geral:

- Revisar o conteúdo que identifica a relação entre as crises dos Estados Unidos e do Brasil em 1929, direcionado à atividade avaliativa do 3º bimestre.

Objetivos Específicos:

- Compreender o processo da crise de 1929 nos EUA;
- Relacionar a crise americana com a crise do café no Brasil;
- Explicar porque a crise do café desestruturou a política oligárquica do país.

Metodologia:

- Aula discursiva com a participação ativa dos alunos.

Pré-requisitos:

- Identificar os conhecimentos adquiridos na aula anterior.

Procedimentos:

- Partiremos com um resumo da República Velha, utilizando **charges** como recurso didático;
- Tentaremos explicar o processo da crise de 1929 nos EUA;
- Faremos a ligação com a crise do café brasileiro, mostrando o seu processo;
- Relacionaremos a crise do café com a política oligárquica do país.

Avaliação:

- Através do diálogo discursivo.

Recursos Didáticos: Data show, Charge; texto impresso; lápis e papel.

Bibliografia:

CHAUI, Marilene. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

DECCA, E. 1930: **O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipicione, Vol. 02, 2010.